

EVOLUÇÃO DA CULTURA DA UVA NO MUNICÍPIO DE SANT'ANA DO LIVRAMENTO - RS¹

Regis Magnus Borges²
Eduardo Schiavone Cardoso³

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a evolução da cultura da uva no município de Sant'Ana do Livramento e suas potencialidades frente a localização geográfica, considerando os aspectos físicos, como o solo e o clima. Procura-se também verificar como está sendo aceita esta nova cultura e quais os maiores beneficiados com o setor. Para a realização deste trabalho foi necessário realizar consultas bibliográficas e trabalho de campo, sendo entrevistados produtores e funcionários dos estabelecimentos. A partir dos dados colhidos constatou-se que hoje o município possui 33 produtores. Foi nos últimos sete anos que o plantio se intensificou, e a área plantada, que era de 539 hectares em 1999, passou para 923 no ano de 2006, um crescimento de 41,61%. Apesar das dificuldades enfrentadas na sua implementação, a uva surge como alternativa à secular pecuária, gerando mais emprego e agregando mais renda. Não obstante, ela pode abrir caminho para outras culturas frutíferas que seriam de grande importância para o desenvolvimento econômico pautado pela agricultura e fixação do homem ao campo. Palavras-Chave: Agricultura. Vitivinicultura. Geografia. Sant'Ana do Livramento.

EVOLUTION OF THE GRAPE CROP THE COUNTY OF SANT'ANA DO LIVRAMENTO - RS

ABSTRACT

This paper analyses the evolution of the grape culture in the county of Sant'Ana do Livramento and its potentiality over the geographic position, considering the physical aspects like soil and climate. It is also verified how this new culture is being accepted and who are the main beneficiary with the sector. To this work it was necessary to realize bibliographic research and field work, where producers and employees of the establishments were interviewed. From the obtained data it was noticed that the county has thirty-three producers. The culture was intensified on the last seven years, and the cultivated area, that was 539 hectares in 1999, increased to 923 in the year of 2006, an increasing of 41,61%. In spite of difficulties during its implementation, the grape crop appears like an alternative against the secular cattle, generating more jobs and income. Also, it can open the way to others fruit cultures that would be very

¹ Projeto de pesquisa registrado no GAP no Departamento de Geociências – GCC/UFSM.

² Aluno do curso de Geografia – Licenciatura da UFSM. E-mail: rborges.geo@hotmail.com. Rua Tuiuti N° 590 Ap. 14 Cep. 97015-660 Santa Maria/RS.

³ Professor doutor do Departamento de Geociências/CCNE/UFSM. E-mail: educard@smail.ufsm.br. Departamento de Geociências CCNE – UFSM – Prédio 17, Sala 1417 – Campus Universitário – Santa Maria-RS. CEP 97105-900.

important to the economic increasing ruled by the agriculture and establishment of the man in the farm.

Key-words: Agriculture. Viticulture. Geography. Sant'Ana do Livramento.

INTRODUÇÃO

A partir dos anos 1970, Sant'Ana do Livramento foi um dos municípios a desenvolver o cultivo da uva fora da tradicional cadeia produtiva do Estado. A cidade está a 600 km das maiores áreas produtoras do Estado e se destaca pelo baixo valor de suas terras, altas amplitudes térmicas, além de possuir um relevo plano com solos profundos e bem drenados, tornando o custo da produção mais baixo, o que favorece a competição no mercado nacional e internacional.

Nos últimos seis anos o setor vitivinícola começou a ganhar espaço no município através das novas técnicas de produção, aliadas aos incentivos fiscais e científicos, impulsionando o desenvolvimento da cultura da uva neste novo pólo. Isto pode ser comprovado com as crescentes áreas destinadas à produção, que vêm a configurar um novo uso do espaço geográfico.

Desta forma, realizou-se um estudo mais aprofundado, com o objetivo de constatar como se deu o processo de inserção da cultura da uva na região, quais as mudanças ocorridas com a introdução da vitivinicultura e quais os benefícios advindos desta nova cultura.

Para a realização deste trabalho, foi necessária a consulta a publicações referentes a agricultura, imigração, industrialização, estrutura fundiária, entre outras. Além dos livros, foram utilizados artigos, periódicos, teses e trabalhos de graduação referentes ao assunto. Também foram realizadas pesquisas em fontes secundárias, utilizando-se dados do IBGE, Ibravin, e Emater. Posteriormente foi realizado um trabalho de campo, onde foram realizadas entrevistas em algumas vinícolas e com produtores de uva do município.

Foram visitadas as três maiores vinícolas e as quatro plantações de uva mais significativas, localizadas no município de Sant'Ana do Livramento. Estas foram selecionadas de acordo com a sua importância para o município, e também levando em consideração o tamanho de sua área plantada. Nas vinícolas, foram entrevistados uma proprietária, um agrônomo e um técnico agrícola. Nas plantações foram entrevistados um proprietário, dois enólogos e um funcionário.

Para o trabalho de campo, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada com cada participante citado acima. Na realização de algumas entrevistas foi utilizado um gravador, e em outras apenas foram feitas anotações das falas dos entrevistados. Para o registro dos locais visitados foi utilizada máquina fotográfica, com a autorização dos entrevistados.

As entrevistas tiveram por objetivo entender como está estruturada a vitivinicultura nas suas diferentes formas de produção, assim como nas relações de trabalho, mercados consumidores e fatores geográficos (solo e clima) e perceber como está sendo aceita esta nova cultura no município.

ANTECEDENTES

De acordo com Souza (1969), a produção da uva não é recente no Brasil. Foi por volta de 1532 que Martin Afonso de Souza trouxe da Ilha da Madeira, dos Açores e outras partes do Reino o que de melhor havia de agricultores. Juntamente com os agricultores vieram as primeiras mudas de videiras. Devido ao clima quente e úmido, o litoral não permitiu o sucesso da videira. Por volta de 1551, as videiras foram levadas por Brás Cubas para a região de Taubaté, em pleno planalto de Piratininga. Foi neste primeiro momento que a viticultura começou a se desenvolver no território brasileiro. Durante os séculos XVIII e XIX houve a corrida pelo ouro, pela lavoura canavieira e pelo café, ocasionando quase o desaparecimento da viticultura.

No Rio Grande do Sul, a videira foi introduzida em 1626, pelo padre Roque Gonzáles, na primeira redução jesuítica. Com a destruição das reduções e o fim do cultivo da videira, portugueses e açorianos começaram a introduzir castas européias de *vitis vinifera* no Estado. Rio Pardo torna-se então, em 1813, o berço da viticultura rio-grandense, ao começar a produção em escala industrial (SOUZA, 1969).

Por volta de 1837 e 1838, o conselheiro José Marques Lisboa, em visita aos Estados Unidos, enviou para o Rio Grande do Sul mudas de videiras americanas, a casta Isabel, já que as européias enfrentavam alguns problemas de adaptação. Além de maior viabilidade ecológica, ela apresentava maior resistência aos inimigos naturais da parreira. Com a chegada destas novas variedades vieram junto as doenças, que se encarregaram de exterminar as videiras que aqui estavam. A uva do gênero Isabel teve papel fundamental para a economia, pois permitiu o crescimento da viticultura nas regiões antes inexploradas, embora com qualidade inferior às européias (REAL, 1981).

A partir de 1870, com a chegada dos imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul, foram fundadas as primeiras colônias no Estado. Primeiramente, foram as de Garibaldi e Bento Gonçalves, depois Caxias do Sul, Guaporé, Antonio Prado, Farroupilha, Flores da Cunha e Nova Prata. Esta região veio a constituir a maior e mais importante área da viticultura brasileira. (SOUZA 1969 p. 40). Assim, é fundamental entender as diferentes variáveis que facilitaram a vinda da vitivinicultura para a região. Para entendê-las, é importante conhecer a sua história, seu funcionamento específico, suas relações e compreender que ela está sempre em movimento.

Os imigrantes que vieram para esta região receberam lotes de terra de aproximadamente 25 hectares, onde desenvolveram, com mão-de-obra familiar, uma policultura de subsistência. Algum excedente desta produção era comercializado e servia como garantia de permanência do colono na terra. Além disso, o imigrante não tinha apenas habilidade agrícola; ele também exercia outras atividades, que contribuíram para o surgimento de pequena indústria e comércio. Para reforçar esta idéia, Paula (1996, p.9 apud Silva 2006), referindo-se a colonos da região de Jaguari, constatou que

[...] um dos principais motivos de as colônias terem se desenvolvido, foi justamente o fato de terem sido constituídas por indivíduos cujas competências eram diversificadas. Quer dizer, os núcleos coloniais não foram constituídos apenas por agricultores. Esse fato facilitou o surgimento da pequena indústria e do comércio, entre outras atividades econômicas.

A acumulação de capital permitiu que os comerciantes montassem seus estabelecimentos para a armazenagem e refinamento do vinho. Neste momento, o colono, que apenas produzia a uva e o vinho artesanalmente, passou a investir na produção comercial. Esta produção necessitava de investimento em equipamentos, técnicas de produção e melhoramento dos estabelecimentos, essenciais para dar qualidade ao produto.

Com a expansão das vitivinícolas, no início do século XX, os comerciantes e fabricantes passaram a controlar a produção e desenvolver produtos de melhor qualidade. Ao pequeno produtor caberia o papel, unicamente, de fornecedor de matéria prima para a indústria.

Os órgãos governamentais criaram a Escola de Agricultura e Viticultura (Taquari), O Laboratório Enológico da Estação Agronômica Experimental na Chácara das Bananeiras (1898) e a cadeira de Enologia na escola de Agronomia (1913). Com o surgimento de laboratórios em Caxias do Sul, Carlos Barbosa, Bento Gonçalves e Farroupilha, foi possível ministrar curso aos viticultores, a fim de melhorar suas técnicas de produção (REAL, 1981).

Para Real (1981), foi a partir da década de 1930 que o governo deu início à criação das cooperativas, com a finalidade de agregar os pequenos agricultores ao mercado consumidor. Silva (2006, p. 26) afirma que

Como alternativa para os pequenos agricultores, o governo incentiva, a partir de 1930, os colonos a se organizarem em cooperativas, para que sua produção possa atingir o mercado consumidor. Buscava-se, desta forma, agregar os produtores que ficaram à margem do sistema produtivo, descapitalizados, e que, conseqüentemente, não tinham como competir no mercado consumidor, que buscava qualidade da produção via inserção tecnológica.

Na década de 1970, as empresas multinacionais do setor vinícola começam a se instalar no Rio Grande do Sul. O Brasil vivia um momento de internacionalização de sua economia e neste período Santa'Ana do Livramento recebeu investimentos, primeiramente da multinacional Almadén; em meados da década de 1980 se instala no município a Santa Colina, que tem sua sede no Japão. Estas companhias implantam, em larga escala, sistemas de cultivo de videiras diferenciadas, com adegas, tanques e equipamentos modernos, proporcionando um produto de excelente qualidade.

Outro momento importante se verifica na segunda metade da década de 1980. Pequenos viticultores, a partir da experiência adquirida na condição de fornecedores da matéria prima para as grandes indústrias, começam a investir na qualificação de sua própria produção de vinhos.

PRODUÇÃO DE UVA NO BRASIL

No Brasil, a vitivinicultura apresenta algumas áreas que merecem destaque, como é o caso do Vale do São Francisco, na região Nordeste, a microrregião geográfica de Caxias do Sul e a Campanha Central, esta última localizada na região conhecida como a “Metade Sul” do Rio Grande do Sul. Estes novos pólos agrícolas, como o Vale do São Francisco e a Campanha Central, são caracterizados pela alta tecnologia empregada no cultivo da uva, essencial para as exigências do mercado internacional.

Entre os maiores produtores de uva do Brasil, destaca-se o Rio Grande do Sul, com a maior área plantada. Segundo a Tabela 1, foram plantados 47.638 ha no ano de 2006, o que representa um total de 55,39% de toda a área plantada no país. Em seguida aparece o Estado de São Paulo, com uma área plantada de 18.772 ha, que representa 21.87% da produção total. Mello (2004, p.2 apud Silva 2006) salienta que esta alta produção destina-se basicamente ao consumo *in natura*.

O Paraná é o terceiro estado com a maior área plantada, cerca de 5.600 ha, representando 6,64% de toda área plantada no Brasil. Em seguida aparecem os estados de Pernambuco, Santa Catarina, Bahia e Minas Gerais, que juntos possuem uma área plantada de 13.902 há, representando 16,20% do país.

Tabela 1 - Área plantada de videiras no Brasil de 2002 a 2006 (em hectares)

Estados	2002	2004	2006
Pernambuco	3.365	4.692	4.996
Bahia	2.732	3.407	3.422
Minas Gerais	950	916	964
São Paulo	12.152	11.600	18.772
Paraná	6.000	5.796	5.600
Santa Catarina	3.514	6.771	4.520
Rio Grande do Sul	36.668	40.351	47.638
Brasil	65.381	70.531	85.812

Fonte dos dados básicos: IBGE (2006)

O Brasil apresentou em 1980 uma produção de 426.642 toneladas de uva. Já no ano de 2006, segundo os dados do IBGE, a produção passou para 1.205.215 toneladas, um crescimento equivalente a 64,69% nestes últimos 26 anos. É importante observar que este aumento se deve ao

melhoramento na infra-estrutura e na tecnologia empregada nos pólos, bem como à valorização do produto no mercado externo.

Conforme a Tabela 2, merecem destaque os estados de Pernambuco e Bahia, que juntos tiveram um aumento de 247.922 toneladas de uva no período de 1980 a 2006. É importante observar que a área plantada nos dois estados é de 8.418 hectares, sendo a produtividade de aproximadamente 29,45 toneladas de uva por hectare ano, bastante diferente do restante do país, que produz apenas uma safra por ano e que teve uma média de 12,36 toneladas por hectares no ano de 2006.

É interessante comparar, por exemplo, os Estados de Pernambuco e Santa Catarina, que possuem uma área de 4.996 e de 4.520 respectivamente. Pernambuco segundo os dados do IBGE de março de 2006 apresentou uma produção de 154.701 toneladas de uva enquanto Santa Catarina apenas 53.724.

Tabela 2 - Quantidade produzida de uva (em toneladas) no período entre 1980 a 2006

Estados	1980	1985	1996	2006
Pernambuco	4.536	4.796	37.973	154.701
Bahia	30	607	20.972	97.789
São Paulo	83.447	78.246	156.009	194.462
Paraná	14.427	16.138	27.217	66.080
Santa Catarina	32.596	57.691	27.291	53.724
Minas Gerais	3.215	3.026	5.410	13.262
Rio Grande do Sul	288.077	567.476	376.380	625.199
Outros	314	425	2.024	-
Total	426.642	728.405	653.276	1.205.215

Fonte dos dados básicos: IBGE (2006)

Esta elevada produção, tanto em Pernambuco como na Bahia, deve-se às características climáticas, que proporcionam duas safras de uva por ano, sendo que uma delas coincide com a entressafra do produto nos mercados nacional e internacional. O Vale do São Francisco, no Nordeste brasileiro, é o único lugar do Brasil que apresenta condições climáticas que permitem a produção e colheita de uvas durante todo o ano.

Outro novo pólo que vem merecendo destaque é a chamada “Metade Sul” no Rio Grande do Sul. Esta nova região produtora compreende os municípios de Pinheiro Machado, Candiota, Bagé, Dom Pedrito, Encruzilhada do Sul, Quaraí, Itaquí, Uruguaiana e Santana do Livramento, que juntos totalizavam uma área plantada de aproximadamente 1.700 hectares em 2005, segundo o Ibravin (FOLHA DE SÃO PAULO, 2005).

A UVA EM SANT’ANA LIVRAMENTO: CONDICIONANTES NATURAIS

Sant’Ana do Livramento, que está localizada ao sul do Rio Grande do Sul (Figura 1), foi um dos primeiros municípios fora da tradicional região produtora a cultivar videiras para a produção de vinhos e derivados. Isto se deve a vários estudos realizados até se chegar à constatação do potencial da região para a prática desta cultura. De acordo com o engenheiro agrônomo entrevistado no trabalho de campo, já no início de século XIX, o botânico francês

Saint Hilaire, em visita à Campanha gaúcha, comentou a possibilidade da cultura da videira na região. Na década de 1940, estudos preliminares realizados pelo professor Harold Olmos, da Universidade de Davis, Estados Unidos, revelam que a região da Campanha possui fatores positivos para a produção de viníferas. Na década de 1970, com pesquisas mais detalhadas realizadas pela Universidade de Davis, Universidade Federal de Pelotas e Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, comprovou-se que a região possui os fatores edafoclimáticos apropriados à viticultura.

O gênero mais nobre de videiras é o *Vitis*, que tem como espécie a *Vitis vinifera*; é responsável, em suas diversas variedades, pelos melhores vinhos do mundo. Além desta espécie, outras também se destacam, como as asiáticas e americanas (REAL, 1981).

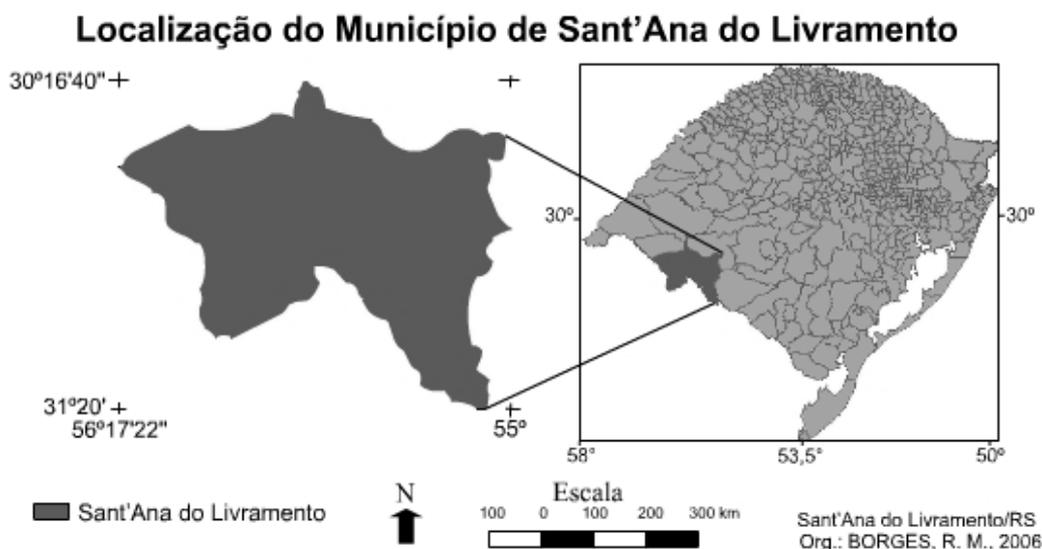


Figura 1 - Mapa da localização do Município de Sant'Ana do Livramento - RS

Como toda produção de uva do município de Sant'Ana do Livramento é destinada para a produção de vinhos e derivados, é importante que se levem em conta alguns fatores, como a videira, o solo, o clima, os seres vivos e a tecnologia, essenciais para a obtenção de um bom produto final.

O plantio da videira é feito através de mudas, e não em sementes. Elas “pegam através de outro galho”, como se diz em linguagem popular. Para a produção de um bom fruto é necessário que ocorra a poda seca dos ramos ou das folhas excessivas. No Rio Grande do Sul, também é realizada a segunda poda, a poda verde, que tem os mesmos objetivos. Esta poda é feita com a intenção de canalizar toda a energia da planta para o fruto.

Como o solo tem grande importância para o desenvolvimento da videira, a escolha desta região foi fundamental para o sucesso da viticultura. A planta, que possui grande quantidade de raízes, desenvolve-se melhor em solos frouxos ou soltos, como é o caso encontrado em Sant'Ana do Livramento. O solo da região, que está sob a formação geológica Rosário do Sul, resultante da decomposição do arenito e basalto, torna o município perfeito para o desenvolvimento da videira. Segundo o agrônomo entrevistado, o solo, além de arenoso e bem drenado, tem em média 1,5 a 2 metros de profundidade, perfeito para satisfazer as necessidades hídricas da planta através de suas raízes. A quantidade excessiva de matéria nutritiva do solo, contraditoriamente, produz piores frutos para a produção de vinhos e derivados. Por esta razão, um solo com menor fertilidade é o recomendável, como é o caso da região. Ainda segundo o entrevistado, o teor de matéria orgânica no solo, que é de 0,7%, torna-o perfeito para satisfazer as necessidades da videira. Outro fator importante descrito por ele é a declividade. As encontradas no município não

superam os 15%, favorecendo a mecanização, que permite a colheita da uva no ponto ideal de maturação.

O clima e o conjunto de fatores meteorológicos exercem uma grande influência sobre a videira, sendo fundamental para a definição das potencialidades da região para a cultura. As melhores regiões para o cultivo da uva encontram-se entre as latitudes que vão de 30 a 50 graus, tanto no hemisfério norte como no sul. Esta faixa latitudinal, na América do Sul, alcança o sul do Chile, o centro da Argentina e o sul do Brasil. Portanto, Sant'Ana do Livramento, que está localizado a 31 graus de latitude sul, apresenta as condições climáticas apropriadas para o desenvolvimento da viticultura no Rio Grande do Sul.

O clima do município é o temperado subtropical, com verões quentes e de alta insolação, ideais para a videira. Além disso, o engenheiro agrônomo entrevistado no trabalho de campo garante que a precipitação pluviométrica (que é de 1400 mm anual) tem, no período de maturação da uva (novembro a março), um baixo índice, em torno de 230 mm, perfeito para a videira. Outro fator importante descrito por ele é a alta amplitude térmica diária (aproximadamente 13°C), que ocorre no período de desenvolvimento da fruta. Segundo o entrevistado, a baixa umidade do ar no período de maturação (cerca de 60%) contribui para a não proliferação de doenças.

Para a enóloga e produtora entrevistada, o sucesso está ligado também ao período de insolação, que é de aproximadamente 750 horas de sol no verão, e de 380 horas de frio abaixo de 7°C no período de inverno. Para ela, este conjunto de fatores climáticos favorece desde um repouso invernal para o acúmulo de nutrientes, até uma maturação equilibrada dos frutos. Isto se traduz, principalmente, na obtenção de um vinho de melhor qualidade. Todos esses fatores, segundo os entrevistados, foram fundamentais para dar início a cultura da uva no município.

CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

Em 1974, a Almadén começa seu projeto de desenvolvimento da vitivinicultura no município. Mas é só em 1983 que é lançado o primeiro produto com marca Almadén no mercado consumidor. Em entrevista realizada no trabalho de campo, a enóloga e produtora afirma que a Almadén serviu de base para a vinda de outras empresas interessadas em desenvolver a vitivinicultura no município e na região.

A região da Campanha apresenta uma estrutura econômica baseada na pecuária extensiva, e na agricultura empresarial, onde se destacam a criação de bovinos e ovinos e a rizicultura, respectivamente. O modo de ocupação desta área contribuiu para que viessem a predominar na região, especialmente na Campanha e Fronteira Oeste, as médias e grandes propriedades, que desenvolveram a pecuária tradicional de bovinos de corte e ovinos. Para Bernardes (1997), os fatores culturais são responsáveis pela manutenção dessa dissociação rígida entre a atividade agrícola e a pastoril, tão prejudicial aos próprios criadores que, de outro modo, poderiam tirar um maior proveito de suas terras, elevando o nível da sua produção pecuária e acrescentando a produção agrícola. Como o setor que controla a economia do município vive um momento de estagnação econômica, a alternativa encontrada foi a diversificação da cultura, principalmente de uva, pêsego, pêra, melão, figo e ameixa.

Foi nos últimos 10 anos que a fruticultura começou a ganhar espaço entre as tradicionais culturas existentes na região. Diversificação foi a palavra utilizada entre os produtores, que viam na fruticultura uma forma de agregar maior rentabilidade a seus produtos. Exemplo disto é o pecuarista José Érico Souto, do município de Bagé, que em reportagem publicada na Gazeta Mercantil de 10 de Janeiro de 2005, afirma que um hectare da fruta rende líquidos R\$ 4 mil, enquanto a mesma área com gado dá lucro de R\$ 170. É importante salientar que Bagé possui as mesmas características de produção de Sant'Ana do Livramento (GAZETA MERCANTIL, 2005)

Outro fator positivo para a região, segundo o técnico agrícola entrevistado, é que o número de funcionários necessários por hectare para a produção de uvas é muito superior, se comparado com a pecuária, o que favorece a geração de empregos. Em média se utiliza 1

trabalhador para cada 7 hectares, enquanto que para a pecuária é necessário apenas 1 a cada 250 hectares. É importante salientar que na época de colheita e poda da fruta este número pode dobrar.

Um fator negativo salientado por todos os entrevistados é a alta carga tributária e a importação dos vinhos argentinos e chilenos, que chegam ao Brasil com preços bastante baixos. A importação destes produtos acaba competindo com o produto nacional e torna mais difícil o seu desenvolvimento.

Com uma área de 645.425 hectares, segundo o IBGE, Sant'Ana do Livramento possui 982 ha de fruticultura. Isto representa 0,14% da área total do município. Atualmente, são 923 ha destinados à produção de uvas e 59 ha distribuídos entre outras culturas, como pêssego, pêra, ameixa, figo e laranja.

Hoje, segundo a Embrapa, há 33 produtores de uvas viníferas no Município. Segundo a Tabela 3, 12 produtores possuem menos de um hectare plantado, representando 1,3% do total da área plantada. A maior diferença está nas duas propriedades acima de 50 hectares, que juntas produzem 81,79% da uva do município.

Tabela 3 - Número de produtores e área plantada com uva no município de Sant'Ana do Livramento, 2006

Categoria	Nº de produtores	Área total (ha)
Até 1 ha	12	12
De 1 a 5 ha	7	19
De 5 a 10 h	8	46
De 10 a 20 ha	1	12
De 20 a 50 ha	3	79
Acima de 50 ha	2	755
Total	33	923

Fonte dos dados básicos: Emater (2006)

A área plantada se manteve quase inalterada durante os anos de 1980 até meados de 2000. O maior crescimento ocorreu nos últimos seis anos, como pode ser observado na Figura 2.

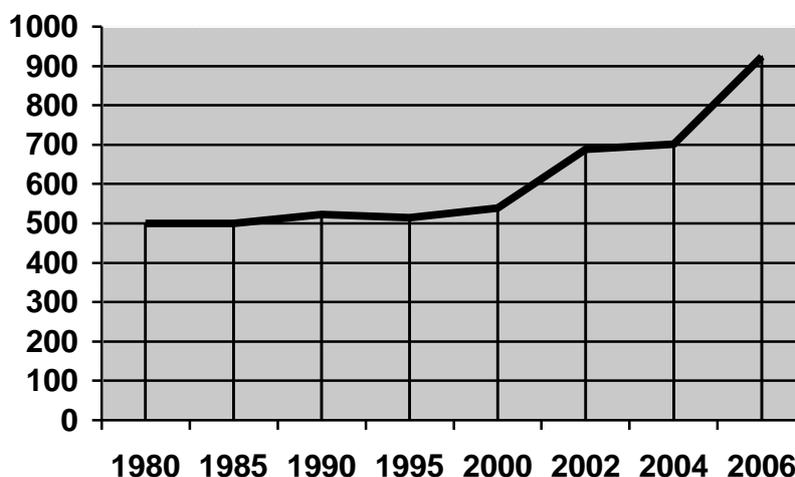


Figura 2 - Evolução da área plantada com uva no município de Sant'Ana do Livramento
Fonte: Borges R. B. (2006).

Foi a partir do ano 2000 que se intensificaram os investimentos nas videiras, e a área plantada, que era de 539 há, passou em 2006 para 923, um crescimento de 41,61%. Isto se deve ao incentivo do governo aos pequenos produtores e à valorização do produto no mercado nacional.

Observa-se também o investimento dos pequenos produtores na produção de uvas. Alguns destes pequenos produtores assentados pelo Incra estão aderindo à cultura da uva com orientação da Emater/RS. Esses pequenos projetos estão, nos últimos anos, desenvolvendo-se paralelamente às grandes empresas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi possível constatar como está organizada a produção vitivinícola do município de Sant'Ana do Livramento, levando em consideração as transformações que esta nova cultura vem provocando na região, tendo em vista que a pecuária é a maior geradora da renda local. Verificou-se também o aumento das áreas plantadas e a importância que a uva tem como geradora de empregos e desenvolvimento econômico no município.

Uma das principais constatações refere-se à importância dos fatores físicos da região para o cultivo da videira. Estes fatores foram essenciais para que se desse início à cultura da uva, tendo em vista que o município sempre teve a pecuária como sua principal geradora de renda. Constatou-se que foi apenas nos últimos seis anos que a viticultura passou ganhar espaço em Sant'Ana do Livramento, através do investimento dos grandes e pequenos produtores do setor.

Como perspectiva, pode-se esperar que, através de contínuos incentivos do governo e investimentos dos produtores, a tendência é um aumento na produção vitivinífera. Apesar das dificuldades enfrentadas na sua implementação, a uva surge como alternativa à secular pecuária, gerando mais oportunidade e diversificando as formas de obtenção de renda. Não obstante, ela pode abrir caminho para outras culturas frutíferas, também importantes para o desenvolvimento pautado na agricultura e na fixação do homem ao campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Dinizar Fermiano. **Por uma organização social pró-desenvolvimento regional do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

BERNARDES, Nilo. **Bases Geográficas do Povoamento do Estado do Rio Grande do Sul**. Ijuí: Unijuí, 1997, 147 p.

BEZZI, Meri Lourdes. **Região: uma (re) visão historiográfica** – da gênese aos novos paradigmas. Santa Maria: UFSM, 2004. 292p.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Produtores trocam o arroz pela uva no RS**. São Paulo, 23 de Agosto de 2005.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **A Agricultura do Rio Grande do Sul: 25 anos de Economia Gaúcha**. Porto Alegre: FEE, 1978, 3v.

GAZETA MERCANTIL. **Pecuaristas trocam gado pelo vinho**. São Paulo, 10 de janeiro de 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> acesso em 20, março.2006.

REAL, Mauro Côrte. **Os Bons Vinhos do Sul**. Porto Alegre: Sulina, 1981. 165 p.

SANTOS José Vicente Tavares. **Colonos do Vinho**. São Paulo: Hucitec, 1984.

SILVA Bruno Freitas. **Organização da produção vitivinícola e suas implicações espaciais em Jaguari/RS**. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

SOUZA, Julio Seabra Inglez. **Uvas Para o Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1969. 456 p.